

O TEATRO MONUMENTO NO MST: IMAGENS POLÍTICAS E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DA JUVENTUDE ESTUDANTE-TRABALHADORA EM PRÁTICAS CÊNICAS

Everton Lampe de Araujo¹
Pablo Assi²

Resumo: O artigo busca partilhar reflexões sobre a vivência teatral oferecida no contexto de comemoração dos 40 anos do MST, através de prática de ensino e aprendizagem não formal, que teve como público principal jovens e adolescentes moradores da comunidade de Vitória da Conquista, em Fraiburgo/SC, onde também se comemorou o aniversário da Escola 25 de Maio, fruto da luta do movimento. Através de atividades artístico-pedagógicas promovidas no contexto de partilha de saberes, realizadas em parceria entre universidade e movimento social, foi proposta a noção de Teatro Monumento, a partir de estudos acerca do teatro imagem e a prática de monumentos que convoca à elaboração de imagens políticas na luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e, também, a possibilidade de pensar outro mundo possível, através da vivência de jovens estudantes-trabalhadores.

Palavras-chave: Coletividade; Monumento; Ação; Teatro.

¹ Artista, professor, pesquisador em Artes Cênicas com interface da criação artística junto de movimentos sociais populares. É Professor Adjunto do curso de Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Estadual do Paraná, Campus Curitiba 2/FAP, na área de práticas teatrais e poéticas da composição. Doutor em Teatro na linha de pesquisa Imagens Políticas no PPGT da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2021). Articula teatralidades contemporâneas rumo a uma ecologia decolonial da cena, entre performatividade, gênero, raça, classe, sexualidade, acessibilidade e meio ambiente. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9103-2889> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8882171272042776> E-mail: evertonlampe@gmail.com

² Ator, arte educador e pesquisador das Artes Cênicas. Mestrando pelo PPGAC-UDESC, graduado em licenciatura em Teatro na Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. Produtor Cultural com experiência em projetos de arte e cultura junto ao MST e rede pública de ensino na EJA-Educação de jovens e Adultos. Suas Atividades profissionais tiveram início no ano de 2007 na cena Cultural Blumenauense como ator. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3490-0714> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8883052257212799> E-mail: pablo.assi@gmail.com

THE MONUMENT THEATER IN THE MST: POLITICAL IMAGES AND THE AESTHETIC EXPERIENCE OF STUDENT-WORKER YOUTH IN SCENIC PRACTICES

Abstract: This article aims to share reflections on an artistic practice developed during a theatrical experience held in celebration of the 40th anniversary of the MST (Landless Workers' Movement), through a non-formal teaching and learning practice. The main participants were young people and teenagers from the Vitória da Conquista community in Friburgo, Santa Catarina, where the anniversary of the 25 de maio School – an achievement of the movement's struggle – was also celebrated. The activities, both artistic and pedagogical, were carried out in a context of knowledge sharing and promoted through a partnership between the university and the social movement. In this context, we propose the notion of Monument Theater, based on studies of Image Theater and the practice of monuments that, through theatrical action, call for the creation of political imagery within the struggle of the Landless Workers' Movement and the possibility of imagining another possible world through the lived experiences of young student-workers.

Keywords: Collectivity; Monument; Action; Theater.

Abertura dos caminhos

Historicamente, o MST se consolidou tanto nacional quanto internacionalmente, sendo reconhecido por sua organização e luta política em prol da reforma agrária popular.³ O movimento desempenha um papel importante de organização dos trabalhadores rurais, tendo a influência da cultura como campo de conhecimento e mobilização política. Diante deste contexto, recebemos o material intitulado *Teatro e Reforma Agrária Popular* (2024), desenvolvido e que nos foi disponibilizado pelo Coletivo Nacional de Cultura do MST, e, de antemão, percebemos que ao longo das dramaturgias elaboradas no contexto da oficina nacional de cultura, estava muito presente a formação de coros cênicos, assim como exercícios inspirados na práxis artística de Augusto Boal.

Completar imagem: Em duplas, fazem um aperto de mão. Uma pessoa fica congelada, formando uma escultura com seu corpo, enquanto a outra pessoa olha a escultura feita pelo companheiro e dialoga com ela congelando seu corpo em uma outra imagem. Então, a primeira pessoa descongela, observa a escultura feita por seu companheiro e intervém com outra escultura. O importante é que as duplas tentem construir uma história com suas imagens e que ao final um diga para o outro o que estava imaginando e vejam se conseguiram se comunicar através de imagens ou não. (Coletivo Nacional de Cultura, 2024, p. 66)

Sendo as Artes Cênicas um campo de estudos muitas vezes pautado enquanto arte da ação, ou mesmo no movimento, na ocasião da possibilidade de trabalhar com o ato de completar imagens e produzir uma narrativa, nos deparamos com o desejo de retomar a noção de monumento para o campo das Artes Corporais. Nos intrigava o fato de que a noção de monumento estivesse vinculada

3 Entrevista com João Pedro Stedile acerca da reforma agrária popular: “[...] Além da desapropriação de grandes latifúndios improdutivos é preciso reorganizar a produção agrícola, com um novo modelo. Nós defendemos práticas que priorizem a produção de alimentos. Alimentos saudáveis, sem agrotóxicos. Uma combinação de distribuição de terras com agroindústrias nos assentamentos na forma cooperativa, voltada para o mercado interno. Implantando uma nova matriz tecnológica baseada nas técnicas agrícolas da agroecologia. E ainda a ampla democratização da educação, com a instalação de escolas de todos os níveis, em todo meio rural. Cada vez mais a luta pela reforma agrária implica o enfrentamento ao capital, que se manifesta na luta contra as grandes empresas transnacionais, como as do agronegócio, responsáveis pela produção dos agrotóxicos, sementes transgênicas e o esgotamento dos recursos naturais” (*O MST muda o foco*, 2011, n.p.).

exclusivamente a uma materialidade fixa e imóvel, quando, na verdade, para pesquisadores como Rocha (2022), ao aproximar-se dos estudos de Le Goff (2003), ou mesmo em pesquisas realizadas no Dicionário Houaiss (2002), é possível perceber que, etimologicamente, monumento deriva do latim *monumentum* (de *monere*: advertir, lembrar). Desde uma perspectiva filológica, *monumentum* refere-se a tudo aquilo que pode perpetuar a recordação e evocar o passado, sendo muito utilizado na Antiguidade entre algo a ser comemorado ou mesmo em contexto funerário.

Muitas vezes, tendo como referência o humano, o monumento se confunde com a noção de estátua, busto ou afirma-se enquanto escultura. Porém, ainda que proponha um duplo ao corpo, não o substitui. Ao mesmo tempo, o corpo – em si e em sua relação com o espaço – possui a capacidade de se afirmar estruturalmente por meio da presença, seja imóvel ou em movimento, presentificado através da memória e da crítica, mas que não apenas evoca o passado, mas também convoca o presente e o futuro.

Para tanto, dialogamos fortemente com as reflexões propostas pelo filósofo Didi-Huberman (2009), em sua obra intitulada *Quando as imagens tomam posição*, para pensarmos o Teatro Monumento a partir das modulações entre tomada de partido e tomada de posição. Essas modulações foram sendo esculpidas em diálogo com especificidades do local, como mensagens nas paredes, ações próximas a uma plantação, ao lado do maquinário de manejo agroecológico, interrompendo o fluxo de uma rua e se colocando diante de espaços de uso comum, como o refeitório e o bebedouro. Didi-Huberman⁴ (2009, p. 120, tradução nossa), afirma: “Brecht vê na tomada de partido o objetivo natural de toda tomada de posição; Benjamin

4 Ainda nesta obra: “Baudelaire, que cantou a miséria como nenhum outro, mas sem recorrer a tomada partido. A pobreza está no trapero, o desespero no parasita, o sarcasmo, o do mendigo”. Em resumo, o trabalhador honesto, o proletariado em sua tarefa não é suficientemente ilustrado nesse tipo de lirismo, o local obviamente não corresponde ao programa estético legível nos discursos de Brecht, proferidos nos congressos de escritores da década de 1950, quando ele desfrutou do reconhecimento oficial incorporado pelo Prêmio Stalin” (Didi-Huberman, 2009, p. 136, tradução nossa). Na versão original: “Baudelaire, qui a chanté la misère comme nul autre, mais sans le recours à la prise de parti. Le désespoir est celui du parasite, le sarcasme, celui du mendiant. Bref, l'honnête travailleur, le prolétaire à la tâche ne sont pas assez illustrés dans ce lyrisme-là, ce qui ne correspond évidemment pas au programme esthétique lisible dans les discours de Brecht prononcés aux Congrès des écrivains des années cinquante, alors qu'il jouissait de la reconnaissance officielle incarnée dans le prix Staline”.

compreende a tomada de posição como uma brecha possível em toda tomada de partido”.⁵

Poderíamos falar também sobre a efemeridade da presença diante da durabilidade do objeto ao debatermos a noção de monumento, considerando sua permanência, mas também os crescentes episódios de destruição, tombamento, substituição ou remoção. Tais processos ocorrem junto a movimentos de reparação histórica e social, que lutam pelo direito a memória, tantas vezes não reconhecida por quem brevemente transita pelo chão duro das ruas das cidades.

Sobre a necessidade de pensar a criação de monumentos efêmeros a partir de partituras gestuais, implicamos os corpos não apenas na produção de imagens, mas instalando-as a partir do conjunto de significados atribuídos à intenção de representar determinada situação, condição ou composição. Essa representação é produzida no manuseio das presenças, que fabula arquiteturas teatrais tridimensionais – vivas, por vezes aglomeradas, outras entrelaçadas – e dispostas a apresentar narrativas históricas e pontos de vista sobre a realidade.

A pesquisadora Chimamanda Adichie (2019, p. 7) nos alerta para o “perigo de uma história única” ao questionar o que realmente sabemos sobre outras pessoas. Como criamos a imagem que temos de cada povo? Se nosso conhecimento é construído pelas histórias que escutamos e contamos, então, quanto maior for o número de narrativas diversas, mais completa será nossa compreensão sobre determinado assunto.

Estaria aí o interesse de afirmar o monumento diante da possibilidade de se trabalhar somente com a imagem, pois no monumento, um conjunto de imagens se entrelaçam entorno de um corpo-estrutura e suas contradições, suspendendo o espaço-tempo da ação dramática ou da continuidade da imagem. Trata-se da possibilidade de estruturar uma síntese de afetos, forças e formas, mais e menos subjetivas e contínuas – justapostas ou imbricadas em um monumento, promovendo a atenção acerca de tudo que está sendo estruturado até chegar a uma posição.

5 Na versão original: “Là où Brecht voit dans la prise de parti le but naturel de toute prise de position, Benjamin comprend la prise de position comme une brèche possible en toute prise de parti” (Didi-Huberman, 2009, p. 120).

Flertamos com a autoridade do monumento e seu caráter espetacular para subverter a noção de poder hegemônico atribuída ao seu sentido moderno, através da criação de outras narrativas possíveis de um teatro monumento do corpo.

Tal procedimento, a ser descrito ao longo do texto, só é possível a partir de alianças com o trabalho proposto por Augusto Boal e o Teatro do Oprimido (2006; 2019), que nos ensina, por meio de notícias de jornal, fotos e relatos, sobre a potência da imagem no teatro ou ainda, um teatro imagem. Nesse contexto, a construção das imagens serve como base para a construção da narrativa, enquanto a interpretação dos atores possibilita a construção de personagens, figuras sociais formadas por meio da expressão emocional e corporal. Além disso, o movimento, a improvisação e a composição intencionam a disponibilidade do grupo. Assim, retornamos à práxis artística das noções desenvolvidas por Boal, como o Teatro Imagem, que permite que esses componentes sejam investigados de maneira não convencional, estimulando a reflexão crítica e a participação ativa dos envolvidos.

Ainda sobre a noção expandida de monumento, autores como Lefebvre (1999, p. 46) observa que: “em toda parte, a monumentalidade se difunde, se irradia, se condensa e se concentra. Um monumento vai além de si próprio, de sua fachada, de seu espaço interno. A monumentalidade pertence à amplitude de um espaço que ultrapassa seus limites materiais”. Nesse sentido, o teatro monumento propõe ressoar o conjunto de forças à forma, evidenciando a dimensão enunciativa e subjetiva, operando na dimensão das sensações compartilhadas e que acompanham as memórias materializadas.

Os jovens assentados, estudantes-trabalhadores da Escola 25 de Maio – construída pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e localizada em Fraiburgo/SC, na região Meio-Oeste do estado de Santa Catarina, Brasil – foram os participantes da prática proposta durante a programação das oficinas oferecidas à escola. Esta foi uma parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), por ocasião da comemoração dos 35 anos da Escola 25 de Maio e dos 40 anos do MST. A escola

está situada em uma área rural, dentro da comunidade de Vitória da Conquista e funciona sob o regime da Pedagogia da Alternância.⁶

As oficinas fizeram parte da comemoração da inauguração da biblioteca comunitária da escola e do mural. Iniciamos as proposições pelo mapeamento das relações dos estudantes com o trabalho, investigando em que medida esses estudantes se percebem enquanto trabalhadores e compreendem o debate sobre sua atividade de trabalho, implicado pela noção de força de trabalho despendida.

Para isso, identificamos a experiência das relações entre estudo e trabalho, desde as contradições em suas dimensões de autonomia ou alienação – marcadas, por exemplo, pela excessiva carga horária de trabalho, além dos modos como o mercado tem se aliado à violência de Estado contra uma educação integral do sujeito.

Chegamos, então, no binômio trabalhador-estudante para nos referirmos a classe trabalhadora que divide seu tempo entre trabalhos formais e informais, atividades familiares e, ainda, opta por buscar os estudos como tentativa de ampliar suas oportunidades de trabalho, promover seu desenvolvimento pessoal e fortalecer sua socialização.

Porém, diante das relações entre arte, estudo e trabalho junto aos jovens da Escola 25 de Maio, ocorre uma variação do binômio trabalhador-estudante para estudante-trabalhador, na qual se identifica a possibilidade de ruptura com a lógica tradicional da educação técnica voltada para a inserção no mercado de trabalho. Antônio Gramsci (1971), em seus *Cadernos do Cárcere*, sugere que a educação deve integrar teoria e prática, preparando os sujeitos para enfrentar as realidades de um mundo em constante mudança e desafiando as estruturas de opressão existentes. A educação, nesse sentido, torna-se uma ferramenta de formação integral e de transformação social, por meio da qual os sujeitos desenvolvem uma consciência crítica sobre sua realidade e adentram o mundo trabalho também a partir de uma perspectiva educativa.

6 Segundo Claudineia Ferreira dos Santos (2019), a Pedagogia da Alternância promove “um modelo de educação que tem como objetivo conciliar as experiências dos alunos do campo com o trabalho e o ambiente escolar, promovendo um espaço de conhecimento interdisciplinar [...]” (Santos *et al.*, 2019, p. 190-204). Ou seja, para isso, os alunos têm acesso a uma educação de forma alternada.

Essa mudança de perspectiva permite que os estudantes deixem de ser passivos de conhecimento técnico e se tornem agentes ativos de sua própria formação. Então, Goergen (2003), observa que criticar o caráter instrumental do acesso à informação e ao conhecimento é uma tarefa complexa, especialmente diante das vantagens frequentemente associadas à razão utilitária. Termos como “qualificação”, “desempenho”, “competitividade”, “produtividade” e “empregabilidade” tendem a ofuscar os efeitos contraproducentes que podem surgir, como o exercício do poder e da dominação, que se manifestam na exploração do conhecimento por aqueles que o controlam.

Tal exploração utilitarista, segundo o autor, resulta em dominação, dependência, exclusão e destruição. Assim, ao se colocar a educação como prioridade, reduzindo a carga horária de trabalho, melhor remuneração pelas horas trabalhadas e garantia de condições relacionadas à segurança e saúde no trabalho (como, por exemplo, a diminuição do contato do trabalhador com agrotóxicos e o uso de máquinas e equipamentos sem riscos de acidentes, entre outros), a formação não se reduz mais a uma função instrumental de adestramento para a ânsia da produção capitalista. Em vez disso, torna-se uma ferramenta de emancipação crítica, capaz de subverter as estruturas vigentes.

Desse modo, cursos como o técnico em Agroecologia, em detrimento da Agronomia convencional, a exemplo da Escola 25 de Maio, denotam essa subversão, ao recusarem a formação de trabalhadores para o agronegócio, em favor de um modelo sustentável e comunitário de produção, que valoriza a autonomia, o acesso a alimentos, a diversificação produtiva, a soberania alimentar, a independência dos produtores e, assim, uma vida mais digna. Esse movimento revela uma compreensão da educação como prática transformadora, na qual o trabalhador-estudante não é apenas alguém que concilia o estudo com o trabalho, mas um sujeito em processo de formação crítica, cuja identidade como estudante-trabalhador sinaliza uma reordenação das prioridades políticas, sociais e culturais.

Nesse sentido, o MST reescreve o papel da educação no campo, transformando-a em uma prática insurgente que não apenas prepara para o

trabalho, mas também reconfigura o próprio conceito de trabalho, inserindo-o em uma lógica de resistência e construção de alternativas ao sistema capitalista.

Sobre as imagens políticas e experiência estética da juventude estudante-trabalhadora

Figura 1: Início da construção do monumento no corredor externo



Fonte: Arquivo pessoal, Fraiburgo.

A proposta teve como objetivo abordar a memória relacionada ao trabalho, à escola, e ao que surge da relação entre ambos, por meio do fazer teatral, imbricado nas poéticas do Teatro do Oprimido, com foco no Teatro Imagem. Buscou-se, também, ampliar a relação coletiva e com o espaço, no caso, o edifício da Escola 25 de Maio, que exerce a função de alojamento para os estudantes, já que muitos moram em regiões ou assentamentos mais distantes e permanecem hospedados na escola toda a semana. Ademais, desenvolvemos proposições que dialogassem com a realidade dos estudantes através de jogos de improvisação teatral e da criação de monumentos corporais coletivos, assegurando um espaço para criação, discussão e prática artística, além da valorização das próprias vivências, a serem compartilhadas teatralmente.

Inicialmente, realizamos algumas perguntas para identificar o grupo, com foco na compreensão de cada um sobre sua condição enquanto estudante e

trabalhador. As perguntas formuladas estavam relacionadas aos seguintes temas: “Você estuda?”, “Você trabalha?”, “Você trabalha e estuda simultaneamente?”, “Você considera que estuda mais do que trabalha?” ou “Você trabalha mais do que estuda?”.

De maneira geral, todos se percebem como estudantes do ensino regular, cursando o ensino médio. À medida que as perguntas permitiam uma maior expressão sobre a questão do trabalho, alguns se identificavam como trabalhadores, enquanto outros não. Ou seja, um dos argumentos abordava a questão do trabalho assalariado em contraste com formas de trabalho não remunerado. No entanto, segundo os participantes, na maioria das vezes o trabalho não é remunerado, pois está associado à produção para a subsistência.

Para os estudantes-trabalhadores, a discussão sobre a percepção do trabalho assalariado em contraposição ao trabalho não remunerado, vinculado à produção para subsistência, pode ser aprofundada quando entende-se que a questão territorial é fundamental para compreensão do trabalho. Neste caso, o trabalho está diretamente relacionado à reforma agrária e à agricultura familiar, sendo, conforme Mendes e Mendes (2023), uma relação direta entre a utilização da terra como espaço para a produção econômica e a unidade familiar, com o objetivo de garantir a soberania alimentar e fortalecer as comunidades rurais. Sendo assim, os estudantes-trabalhadores estão, de maneira quase inevitável, envolvidos nesse processo, uma vez que associam seus trabalhos a uma responsabilidade fundamental dentro da estrutura familiar.

De forma crítica, a terra, o trabalho e a família integram uma compreensão distinta da relação dos agricultores familiares com a terra, considerando as especificidades de cada espaço. Desse modo, a noção de agricultura familiar é dinâmica ao considerar a amplitude e a complexidade das questões agrárias, políticas e econômicas que permeiam cada comunidade. E ainda:

Essa diversidade é caracterizada pela interdependência de uma série de fatores, como o tamanho da propriedade, o tamanho da família, o grau de mecanização, o nível técnico, a capacidade financeira, a relação com o mercado, dentre outros fatores,

refletindo em inserções locais/regionais rigorosamente diferenciadas. (Mendes, 2005, p. 21)

Dessa forma, ao discutir a agricultura familiar dentro do contexto do MST, é fundamental destacar como essa prática está diretamente relacionada à formação do estudante-trabalhador. A agricultura familiar, sendo uma prática que valoriza o conhecimento local, o trabalho comunitário e a sustentabilidade, conecta-se ao objetivo de formar sujeitos críticos que não apenas trabalham, mas também refletem sobre suas condições de trabalho. No caso do MST, essa formação vai além do treinamento técnico voltado ao campo, pois envolve uma educação orientada para a autonomia e para a construção de alternativas ao modelo do agronegócio.

Assim, o estudante-trabalhador emerge como um agente central na transformação social, ao criticar e subverter o modelo capitalista de produção agrícola, sendo ele parte de um processo educativo que prioriza a Agroecologia como prática de resistência. Nesse sentido, para o MST, o trabalho também é entendido como um processo educativo, em que os trabalhadores compreendem a discussão de classe, a luta contra a opressão, e a importância da coletividade. Isso está refletido nos projetos político-pedagógicos do movimento, como o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) e as ações vinculadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA), que visam promover uma educação emancipatória e crítica.

Durante as oficinas realizadas no assentamento e Escola 25 de Maio, solicitamos que os participantes criassem uma imagem e um gesto baseados em suas memórias sobre o trabalho, com a intenção de que o desdobramento do gesto pudesse manifestar o trabalho realizado.

Assim, todos os participantes se engajaram na atividade e, sempre que um deles iniciava e demonstrava seu gesto, os demais – respeitando suas próprias singularidades – reproduziam o movimento de acordo com suas interpretações individuais. Passamos um tempo investigando as imagens criadas a partir dessas percepções antes de começarmos a ocupar os espaços externos da escola. Em seguida, realizamos e reproduzimos essas imagens nesses novos ambientes e contextos, o que suscitou uma reflexão crítica sobre o espaço cotidiano e na

investigação de maneiras e alternativas de sua utilização. Esse processo gerou uma fricção diante da compreensão habitual do espaço, desafiando os estudantes-trabalhadores a considerarem suas formas de ocupação e interação artística com o ambiente enquanto monumentos corporais de intervenção na paisagem.

Após a construção das primeiras imagens e a investigação dos espaços previamente visitados, iniciamos uma discussão sobre os diversos trabalhos e profissões que surgiram como tema e material durante a experimentação. A maioria das imagens e ações evocava atividades relacionadas ao trabalho no campo. De forma sensível, os participantes rememoraram suas ocupações, tais como colhedor de cenouras, cortador de carne em frigorífico e chapeiro em uma lanchonete, além de outras atividades vinculadas à sua formação no curso técnico em Agroecologia.

Este processo de experimentação se entrelaça com a Pedagogia da Alternância praticada na Escola 25 de Maio, uma abordagem pedagógica que difere do ensino regular ao integrar o curso técnico em Agroecologia ao cotidiano dos estudantes, proporcionando um aprendizado que articula teoria e prática de forma alternada entre escola e comunidade.

No artigo intitulado *Agroecologia e Pedagogia da Alternância: um estudo de caso da Escola Tecnológica de Fraiburgo, Santa Catarina*, Domingues et al., (2021, p. 764) escrevem que o curso técnico em Agroecologia oferecido na escola é estruturado por um sistema de aprendizagem denominado “tempo comunidade” e “tempo escola”.

Durante o tempo na escola, os alunos permanecem no ambiente escolar, onde realizam disciplinas da base comum e técnica. Já no tempo comunitário, retornam aos seus locais de origem para aplicar, na prática, os conhecimentos desenvolvidos na escola. Os autores complementam, a partir do olhar de um professor da escola, que a implementação do curso de Agroecologia surgiu como uma necessidade gerada através da demanda social ao reconhecer as políticas públicas nas quais a escola está inserida, como afirma e é nominado A, B, professor de 35 anos, para Domingues:

A escolha se deu porque a escola está situada em área de reforma agrária, quando uma área é desapropriada pelo Incra, ela deve cumprir uma função social e produzir alimentos com qualidade, sendo assim, a forma preconizada é a agroecologia e se possível ligada a cooperação. A escola entra como uma forma de levar para as famílias a transição e produção de alimentos agroecológicos, nem todas as famílias assentadas são agroecológicas, uma parte delas trabalha ainda de forma convencional, mas faz parte da missão da escola a produção agroecológica do entorno. (A, B *apud* Domingues *et al.*, 2021, p. 770)

A discussão sobre o papel da Pedagogia da Alternância e o entendimento crítico dos estudantes trabalhadores em relação ao curso técnico em Agroecologia revelam-se centrais para a conscientização sobre o próprio contexto dos assentamentos e das políticas dos movimentos sociais.

Na segunda etapa do trabalho, o desenvolvimento das proposições concentrou-se na construção de imagens e cenas relacionadas às percepções desenvolvidas no primeiro momento.

Os estudantes começaram a relacionar as imagens construídas com os espaços investigados, identificando-os como possíveis locais de experimentação cênica. A partir desses temas, elaboraram cenas ficcionais que refletiam suas vivências, dando sentido aquilo que desejavam expressar com base em suas próprias experiências e materiais.

No segundo dia, após o levantamento inicial de material no primeiro encontro, a etapa seguinte envolveu uma compreensão coletiva do processo. Considerando o tempo disponível, decidiu-se que a atividade mais adequada seria a revisão das imagens, retomando os debates sobre o trabalho, a educação e os espaços investigados.

Ainda que desejássemos, por consenso, realizar uma apresentação final, compreendemos que ela exigiria a presença física de todos, o que não seria viável no dia previsto para a comemoração da escola. Dessa forma, optamos por registrar o trabalho em formato audiovisual, conferindo ao processo um caráter documental.

Assim, a atuação dos estudantes ao longo das oficinas, bem como durante o processo de criação, ampliou a relação com a apropriação e o aprofundamento do fazer artístico. Boal (2006, p. 19) aponta que, “o Teatro do Oprimido visa à

transformação do espectador, ser passivo, em sujeito da ação dramática, em 'espect-ator'. Nesse sentido, o registro das atividades no segundo dia, desde as gravações até a edição, permitiu que todos participassem ativamente do processo criativo, mantendo a coesão coletiva e reforçando o aspecto crítico e transformador da prática teatral.

O interesse em estruturar monumentos corporais como iniciativa teatral estava em tensionar o sentido das imagens por meio da significação ruidosa de diferentes, e por vezes confluentes pontos de vista sobre a realidade, em que um monumento poderia apresentar qualidades teatrais ao despertar emoções, dramatizar ideias ou criar uma experiência sensorial e simbólica no espaço. Essas qualidades não estão ligadas diretamente à arte do teatro como encenação, mas, sim, a aspectos dramatúrgicos e performativos que podem estar presentes em sua concepção, forma ou impacto, no caráter de intervenção cênica contextual.

Tendo em vista que os estudantes-trabalhadores da Escola 25 de Maio vivenciam processos de formação voltados para uma educação emancipatória, na qual o trabalho está intrinsecamente ligado à sua subsistência e amplia a compreensão prática da relação entre trabalho e capital, os jovens e adultos assentados desempenham um papel relevante no debate conceitual, sobretudo quando analisados sob a perspectiva prática da Educação para Jovens e Adultos (EJA). Ou seja, trata-se de trabalhadores assentados que enfrentam dificuldades para acessar processos de formação emancipatórios, mas que, ao se vincularem a um território de educação fruto da reforma agrária popular promovida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), encontram novas frentes e organizações voltadas ao trabalho e à educação. Essas iniciativas estão articuladas aos princípios do movimento, que compreendem o

[...] trabalho socialmente produtivo, a luta social, a organização coletiva, a cultura e a história como matrizes organizadoras do ambiente educativo escolar, com a participação da comunidade e auto-organização dos educandos e educandas, e dos educadores e educadoras. (Educação MST, 2025, n.p.)

Assim, ao longo de sua trajetória na EJA, esses sujeitos passam a reconhecer práticas educacionais emancipatórias alinhadas ao projeto político e pedagógico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Ao integrar os saberes e as vivências dos participantes, a iniciativa propõe uma ampliação do conceito de educação emancipatória, que transcende a mera transmissão de conhecimento e busca, efetivamente, a formação de sujeitos ativos na luta por direitos e dignidade.

A produção do filme – ainda não disponível para exibição – intitulado *Plantar com amor e colher com alegria* (2024) que busca exemplificar essa dinâmica, articulando-se não apenas como um registro, mas como um catalisador de novas discussões sobre a realidade do campo. Instiga os envolvidos a refletirem sobre seus desafios e perspectivas futuras, num processo em que o Teatro Monumento pode absorver qualidades expressivas à medida que convida o público a circular ao redor, atravessar ou mesmo interagir — como se o espectador pudesse romper os limites da recepção, convivendo com o monumento que acontece junto dele. Pode contar uma história ou representar um fato específico, como um *tableau vivant* (quadro vivo), reforçando o caráter teatral de uma ação suspensa no tempo, onde formas humanas são esculpidas em poses expressivas, efêmeras e demarcadas no âmbito de uma concepção crítica coletiva. Trata-se de um modo de existir contextualmente, tendo o gesto como síntese da imagem do grupo, ao flertar com a noção de monumento e sua instauração em diferentes espaços e contextos de relação ambiental.

Assim, a proposta dessa oficina se consolida como um espaço de diálogo e ação, onde a educação, o trabalho e a criação teatral se tornam resistência e emancipação, buscando o desenvolvimento e a construção de uma comunidade mais justa e coesa.

Ao longo dessa trajetória, vislumbramos um horizonte em que a educação, o trabalho e a criação teatral se entrelaçam, formando uma base sólida para o fortalecimento do movimento social e a afirmação dos direitos dos trabalhadores do campo, por meio da consciência do gesto artístico e da produção de imagens políticas na sociedade.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 9a ed., rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas**; 1.ed.- São Paulo: Editora 34, 2019.

COLETIVO NACIONAL DE CULTURA DO MST. **Caderno de Trabalho de base: teatro e reforma agrária popular**, 2024.

DIDI-HUBERMAN. G. **Quand les images prennent position: le Oiel de L'histoire**. 1° ed. Paris, Editions de Minuit, 2009.

DOMINGUES, Sérgio, *et al.* Agroecologia e Pedagogia da Alternância: um estudo de caso da Escola Tecnológica de Fraiburgo, Santa Catarina. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 102, n. 262, p. 764-786, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/jD4PYYjKC3Hjf9hZScbpbww/?lang=pt>. Acesso: 21 de julho de 2025.

EDUCAÇÃO MST. s/d. Disponível em: <https://mst.org.br/educacao/> Acesso: 20 de julho de 2025.

GOERGEN, Pedro, L. Universidade e responsabilidade social. In: LOMBARDI, J.C. (Org.). **Temas de pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Z, 1971.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss; Objetiva, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte / MG: Editora UFMG, 1999

LE GOFF, J. Documento / monumento. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MENDES, Diana; MENDES, Estevane. Agricultura Familiar: reflexões teóricas, características e reprodução social das comunidades rurais do município de Catalão (GO). Observatorium: **Revista Eletrônica de Geografia**, v. 14, p. 290-307. 2023. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Observatorium/article/view/70871>. Acesso em: 21 de julho de 2025.

MENDES, Estevane. **A produção rural familiar em Goiás**: as comunidades rurais no município de Catalão (GO). 294 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

O MST muda o foco: Entrevista com João Pedro Stedile. s/p, 2011. Entrevista. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2011/08/03/o-mst-muda-o-foco-entrevista-com-joao-pedro-stedile/>. Acesso em: 02 de agosto de 2025.

ROCHA, Ricardo. de S. A noção de monumento: do mármore ao incômodo; **Assis**, SP, v. 18, n. 1, p.421-439. janeiro-junho de 2022. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/3007>. Acesso em: 21 de julho de 2025.

SANTOS, C. F. *et al.* A Pedagogia da Alternância como proposta de educação no campo: um estudo na escola família agrícola Itapirema em Rondônia, Brasil. **REVES**: Revista Relações Sociais, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 190-204, 2019.

Recebido: 31/05/2025

Aceito: 30/08/2025